

Para onde vai o ensino de Brasília?

A FUNDAÇÃO TEM 12 MIL FUNCIONÁRIOS. É MAIOR DO QUE UM MINISTÉRIO. E TODA ESSA MÁQUINA BUROCRÁTICA NÃO CONSEGUE RESOLVER O PROBLEMA DE OUTRA FAMÍLIA GIGANTESCA: OS 200 MIL ALUNOS DA REDE OFICIAL DE ENSINO. A EDUCAÇÃO DE BRASÍLIA JÁ NÃO CONTA COM EXPERIÊNCIAS FELIZES COMO FOI A DO CENTRO INTEGRADO DO ENSINO MÉDIO - CIEM-HÁ ALGUNS ANOS ATRAS



• Nenhum Ministério tem tanto funcionário em Brasília como a Fundação Educacional do Distrito Federal, que engloba cerca de 12 mil servidores para cuidar de 193.399 alunos da Rede Oficial de Ensino. No começo eram apenas cinco mil.

Movimentar toda essa máquina deve ser uma das tarefas mais difíceis do Distrito Federal e para racionalizar o trabalho, o secretário Wladimir Murtinho criou os Distritos Educacionais, procurando descentralizar o ensino e dotar as professoras de um melhor nível profissional. (No DF não há professor despreparado enquanto que, no Brasil, 71% dos que ensinam na rede municipal são leigos, de acordo com recente pesquisa).

O principal motivo para a permanente crise em que sempre viveu a área da educação, em Brasília - apesar de termos aqui um ensino melhor que o de outras cidades, como afirma Murtinho - é o continuado e rápido crescimento do número de alunos que entram para as escolas

públicas, principalmente agora que a Secretaria aboliu a taxa de matrícula (Cr\$ 20,00) e passou a incentivar o ensino pré-escolar.

Agora a SEC está se voltando para um completo planejamento no sentido de dimensionar a situação existente.

Afinal, não basta saber quantos alunos existem. É preciso prever quantos virão, no futuro, para a escola. E quantos sairão.

Muitos entram e não saem - explica o secretário de Educação. Ou repetem o ano, ou cursam todas as séries do primeiro e do segundo grau até atingirem a universidade.

Noventa e nove por cento dos alunos de segundo grau prestam vestibular para a universidade. A secretaria precisa saber exatamente quantos alunos teremos nos próximos anos e é isto que será mostrado pelo recenseamento a ser realizado pela SEC. Em outros países, como na Suécia o estudante deixa a escola antes de terminar o curso e isto dá um maior grau de rotatividade ao ensino. Mas aqui é diferente, porque o diploma universitário ainda é indispensável. A Secretaria tem que arcar com esse acúmulo de gente que aumenta incrivelmente, originando os muitos problemas que reconhecemos existir. E reconhecemos também que é preciso corrigir os problemas. É isto que estamos procurando fazer e não precisamos negar que algumas coisas boas já tem sido alcançadas sem ser preciso citá-las exaustivamente.

Murtinho é um homem extremamente sensibilizado com o problema educacional da cidade. Todo o seu dia de trabalho gira em torno do lema "mais e melhor ensino para cada vez mais crianças". Democratizar o ensino levando-o do Plano Piloto para as cidades-satélites, tem sido a sua grande preocupação. O secretário explica:

— Antes, quando só havia cinco mil alunos, era mais fácil ter um ensino melhor. Não havia muito o que planejar e organizar. Mas o ensino de então destinava-se a poucos privilegiados. Quem vivia nas favelas, ficava marginalizado. Hoje, quando atingimos a casa dos 200 mil alunos, tudo se torna muito mais difícil, exigindo outros tipos de solução. Descentralizamos, e agora vamos "medir

as proporções" para traçar um plano definitivo. A educação de Brasília tem problemas, como não poderia deixar de ter, mas ainda é melhor do que em muitos outros lugares. Quem entende o que é administrar um quadro de 12 mil pessoas que se relacionam, por sua vez com 200 mil alunos (o que vale dizer com cerca de 400 mil pais de família, portanto) deve entender que a educação dispensada aos nossos alunos não poderia ser ótima em termos absolutos, exatamente porque os principais problemas só poderão ser corrigidos com um planejamento que exige tempo. E nosso tempo não tem sido empregado com outra coisa.



Murtinho não concorda, mas muitos professores reclamam que a principal culpa das dificuldades do ensino está na excessiva burocracia da Fundação Educacional onde - segundo eles - os funcionários atendem mal, criando um enorme distanciamento entre os planos ideais do secretário e a realidade existente no trato diário com os alunos. Querem dizer, com isto, que muitas das idéias do secretário chegam distorcidas às escolas depois de serem "remoidas" pela máquina

burocrática da Fundação, apertada no 5º andar do Anexo do Burti.

Até o final do ano, entretanto a FEDF será transferida para o prédio anteriormente destinado à Faculdade de Teologia, onde funciona - hoje a Terracap, próximo à NuB. O Departamento de Cultura terá mais independência e não deverão se repetir, por exemplo, episódios como o da chamada "fila do ponto", que exasperou muitos professores da Fundação recentemente.

Mesmo apoiando as idéias do secretário, muitos professores entendem que o ensino de Brasília tem sido tratado de forma excessivamente fria e burocrática. Existem escolas "A" ou "B" e não mais "Escola da 108", "Escola da 114" etc. Afrouxaram-se os critérios de distribuição de professores e as equipes passaram a mudar constantemente nas escolas, com os novos processos de reciclagem. Caiu o nível do ensino e os pais perderam contato com os mestres responsáveis pela formação dos seus filhos. Até 1965 tudo parecia muito bem (o ensino elitista de que fala Murtinho) e houve até a feliz experiência do Centro Integrado de Ensino Médio - CIEM - criado como modelo para todo o Brasil. Depois veio a decadência e os problemas se agravaram a partir de 1970 com o vertiginoso crescimento da população escolar.

Tudo isso é reconhecido pelo Secretário. Ele não se nega a compreender essa situação. Ao contrário, procura estimular um debate sério em torno do assunto. Nesse sentido é que está sendo preparado o Seminário Público de Ensino a se realizar no próximo mês de julho, em Brasília com a participação de universidades e de inúmeros técnicos em educação. Depois será feito um levantamento completo sobre o número de alunos. Esse levantamento permitirá, inclusive conhecer o número exato de habitantes de Brasília, já que os questionários conterão itens relativos a toda a família dos estudantes.

Criando as Associações de Pais e Mestres e redistribuindo tarefas entre os coordenadores dos Complexos de Ensino, a SEC pretende encontrar um meio de equacionar o problema principal que é o gigantesco crescimento da família escolar existente na rede oficial.

A crise da educação vai ser discutida abertamente no seminário de julho e é possível que os debates revelem algumas soluções bastante práticas. Só então haverá menos professores reclamando contra a Fundação. Os pais, em toda a cidade, estão - com maiores razões - aguardando o que virá. Afinal, todos querem um ensino melhor para os seus filhos. Brasília não pode ter apenas um ensino "bom" isto é, menos ruim que o de outros lugares. A capital do país precisa de um ensino "ótimo" e é isso que deve ser feito.

Logicamente, entretanto, não se nega um voto de confiança ao embaixador, Wladimir Murtinho, que trabalha cercado por um contingente de 12 mil funcionários de um lado e 200 mil alunos (mais 400 mil pais) de outro. Muitos concordam que "acreditar, ainda é uma solução".



Pedro Campos
Editor de Cidade do Jornal de Brasília